

## Resenhas:

**DEMOCRACIA, PODER E MÍDIA - CONTROLE E CONSTRUÇÃO DO  
CONSENSO****RESENHA DA OBRA *MÍDIA: PROPAGANDA POLÍTICA E MANIPULAÇÃO*<sup>75</sup>**

Ezequiel de Almeida Machado\*

“Outra concepção de democracia é aquela que considera que o povo deve ser impedido de conduzir seus assuntos pessoais e os canais de informação devem ser estreita e rigidamente controlados” (CHOMSKY, 2013, p. 10). Tal excerto mostra como esta concepção de democracia, segundo o autor, por mais contraditória que possa parecer, é a dominante no contexto atual. *Mídia: propaganda política e manipulação* é uma demonstração do papel ocupado pela mídia na política contemporânea.

Noam Chomsky é linguista, filósofo e ativista político. Ele nasceu nos Estados Unidos em 1928 e é professor no Massachusetts Institute of Technology (MIT), onde leciona desde 1955. Entre suas publicações figuram: *Hegemony or Survival* (Hegemonia ou sobrevivência); *Power and Prospect* (Poder e perspectiva); *World Orders, Old and New* (Ordens mundiais, novas e velhas); *Deterring Democracy* (Contendo a democracia); *Manufacturing Consent* - com E. S. Herman (A construção do consenso); *Year 501: The Conquest Continues* (Ano 501: A conquista continua); *Profit Over People* (O lucro ou as pessoas?); *The New Military Humanism* (O novo humanismo militar); *Rogue States* (Países delinquentes); *A New Generation Draws the Line* (Uma nova geração define o limite) e *9-11* (Onze de Setembro).

Seus estudos enfatizam a linguística, mas não se limita a ela. Ele é conhecido também como intelectual engajado e temível polemista. Publicou um número considerável de artigos para denunciar os danos do capitalismo americano, da política interna dos Estados Unidos e da submissão dos meios de comunicação. Para N. Chomsky as coisas são claras: o mundo moderno é governado por alguns grandes grupos capitalistas aos quais o Estado se submete. Seu único objetivo é satisfazer os interesses dos poucos donos do mundo. Além disso, os meios de comunicação estão totalmente subordinados a esse sistema capitalista e os intelectuais são seus cúmplices mais ou menos conscientes. Essas declarações radicais seriam de pouco peso se não estivessem fundamentadas em estudos consistentes sobre os bastidores da política externa americana, sobre o funcionamento dos meios de comunicação e sobre o mecanismo das eleições que, se não confirmam suas

---

<sup>75</sup> CHOMSKY, Noam. *Mídia: propaganda política e manipulação*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

\* Graduando do 7º. Semestre no Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/CPNV. E-mail: [ezeekmm@gmail.com](mailto:ezeekmm@gmail.com)

teses, tem o mérito de bater de frente com o conformismo intelectual (DORTIER, 2010, p. 69).

Traduzido por Fernando Santos, o livro consiste, sobretudo, em um esclarecedor e demolidor ensaio sobre temas que permeiam os noticiários, como opinião pública; propaganda política; campanhas sociais; espectros do medo e da insegurança; direitos humanos e Oriente Médio. O livro é organizado em duas partes. Na primeira – *Mídia Propaganda política e manipulação*, os tópicos são os seguintes: *Os primórdios da história da propaganda política; Uma democracia de espectadores; Relações públicas; A construção da opinião; Representação como realidade; A cultura da dissidência; Cortejo de inimigos; Percepção seletiva e A Guerra do Golfo*. Na segunda, a partir da metáfora do “Jornalista marciano”, Chomsky apresenta onze pontos que ilustram o seu discurso sobre a questão do terrorismo, logo após o episódio de 11 de setembro de 2001. São eles: *O elemento do exercício do poder; Mesma guerra, alvos diferentes; A heresia da equivalência moral; Uma definição inútil; Terrorismo clássico; Casos incontestáveis; A domesticação da maioria; Parceiros entusiasmados; Atrocidades que concorrem ao prêmio; Desculpas desprezíveis e Respostas ao terrorismo*.

O simples enunciado dos tópicos que o livro apresenta, já permite apreender numa organização coerente, as várias abordagens dos assuntos que estudam os temas propostos, nos convidam e nos instigam para a sua leitura.

Ao desenvolver o texto, o autor, provocativo, indaga inicialmente sobre qual forma de democracia é a que vivemos: A democracia com plena participação política de todos ou a controlada pelo governo, através da mídia? Ele afirma que estamos na ilustrada pela segunda descrição. O autor afirma, recorrendo a Lippmann, que esta democracia possui o intuito de conter o “rebanho desorientado” (o povo), que, sem noção de como realmente acontecem as manobras que garantem a perpetuação do sistema, aceitam-nas, passivamente. Trata-se, então, de uma democracia de espectadores.

Ao inserir a propaganda e a prática das relações públicas no contexto dos projetos políticos, Chomsky exemplifica como se deu a transformação de uma nação pacífica em uma sociedade adepta da guerra em questão de meses e como a utilização de campanhas com slogans vazios e difusos é capaz de, com o auxílio fundamental da mídia, criar consenso e assim convencer a população sobre qualquer ponto de seu interesse (do governo e dos interesses da elite econômica).

Chomsky compara e examina as táticas e as armas de persuasão utilizadas, além das de distração massiva, outras, como a fabricação de inimigos em sequência (alemães, comunistas, russos, traficantes terroristas, etc.) e apresenta de maneira exemplar a seletividade da mídia dominante através do caso Armando Valladares – Cuba e Herbert Anaya – El Salvador.

Daí segue-se a discussão contextualizando a cobertura midiática sobre a Guerra do Golfo e a condução da questão panamenha como forma de demonstrar como funciona um sistema de propaganda bem azeitado. A partir de então, Chomsky conclama a uma reflexão sobre se

queremos viver numa sociedade livre ou sujeitos àquilo que corresponde a uma forma de totalitarismo autoimposto, com o rebanho desorientado marginalizado, distraído com outros assuntos, aterrorizado, berrando slogans patrióticos, temendo por sua vida e reverenciando o líder que o salvou da destruição, enquanto as massas instruídas são enquadradas e repetem os slogans que se espera que repitam, e a sociedade entra em decadência (CHOMSKY, 2013, p. 66-67).

Em outro ponto alto do trabalho, na segunda parte do livro, é apresentada a transcrição de uma palestra sua proferida em janeiro de 2002 em Nova York, intitulada “O jornalista marciano – como a guerra ao terror deveria ser noticiada”. Ele adentra a questão da construção ideológica sobre o que é e como é explicado o que a mídia trata por terrorismo. Retomando o ano de 1985, onde o assunto entrou como pauta política e jornalística pela primeira vez, o autor nos revela com grande quantidade de informações detalhadas, todo o projeto que está em andamento atualmente.

Por fim, aborda a hipocrisia dos aliados, o rosário de desculpas sobre os atos tão desumanos praticados em nome do pretenso combate ao terrorismo – “Só é terrorismo quando eles fazem isso com a gente. Quando nós fazemos muito pior com eles, não é terrorismo” (CHOMSKY, 2013, p.97-98) e questões sobre justiça internacional.

Ao enfatizar as críticas à subserviência dos meios de comunicação como estratégia para manter a população civil dopada e mal informada, Chomsky alerta para que prestemos atenção nas entrelinhas dos discursos e sugere que a opção por um posicionamento mais cético é imprescindível, caso desejemos poupar o mundo de desgraças ainda piores. Tal premissa é dirigida ao seu leitor estadunidense, mas vale para nós daqui do fundo do quintal, principalmente nestes dias de recrudescimento neoliberal em que estamos vivendo.

A leitura desta obra não se restringe à pesquisa acadêmica, embora possa ser considerada imprescindível para todos que vivenciem as Ciências Sociais ou as áreas da

Comunicação. Numa linguagem clara, o autor apresenta uma visão crítica, atual, consistente e por isso mesmo destoante acerca do poder midiático em um país dominante. Considerando que é assim nesse grupo de países, não será preciso muito esforço para imaginar então como o tema é considerado nos países subordinados. Pensemos em nossa mídia oligárquica burguesa. A obra é recomendada a todos os públicos.

Ao relacionar mídia, política, poder, grupos dirigentes e “democracia”, Chomsky esclarece que esta é uma ideia inteligente e vantajosa, pois garante que os interesses comuns mais uma vez, escapem à percepção do rebanho desorientado, que não consegue decifrá-los.

Pode-se afirmar que *Mídia: propaganda política e manipulação* é fruto de um trabalho intelectual singular. Contém o esforço de tentar imbuir em seu leitor, um mínimo de consciência acerca dos tentáculos em que ele está envolvido, quando diante de qualquer consenso. É, sobretudo, um convite à desnaturalização, ao estranhamento e ao questionamento, elaborado com uma alta dose de inventividade e perspicácia - além da típica combatividade de seu autor.

### Referências

CHOMSKY, Noam. *Mídia: propaganda política e manipulação*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

DORTIER, Jean-Francois. Chomsky in: *Dicionário de Ciências Humanas*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.